

Memórias de um aprendiz

*Márcio de Macedo**

Resumo

Existem infinitas discussões acerca da prática pedagógica e das diferentes formas de construir a educação. Uma delas, conhecida como ensino em escolas multiseriadas, há tempos muito utilizada, deixou de se empregar para o desenvolvimento da aprendizagem de crianças, principalmente nas regiões de predominância agrícola. Por meio de relatos de memória, podemos acessar alguns elementos da prática deste modelo de escola, bem como situações que ocorriam neste sistema de ensino.

Palavras-chave: Educação. Memória. Prática Pedagógica. Experiências.

Muito se fala no meio acadêmico e escolar sobre as diferentes práticas pedagógicas. Experiências que resultaram em sucesso de aprendizagem bem como outras que fracassaram. Vários são os autores que se preocupam em construir teorias referentes à aprendizagem e muitas são as obras que nos auxiliam na compreensão de como se dá o fenômeno de apreender no meio escolar. Quero abordar esse assunto de maneira a inserir alguns desses autores na teorização, de uma prática pedagógica específica. Num primeiro momento farei um relato de uma experiência relacionada ao ensino, afastando-me um pouco da teorização propriamente dita, tentando demonstrar e analisar como tal prática fez parte do período que cursei os quatro anos primários.

Fazendo parte de um grande grupo de pessoas que vivenciaram o Brasil do início da década de 1990, no qual o meio rural era ainda muito habitado em certas regiões, fiz parte de um grupo de alunos que frequentou as chamadas escolas multiseriadas. Eram unidades escolares existentes nas cidades, mas principalmente em regiões de ocupação agrícola, onde as escolas atendiam, muitas vezes, com apenas um professor, quatro séries, com as quais se formava o período do primário. Apesar de não fazer tanto tempo assim, o início da década de 1990 foi marcado por problemas políticos internos. Vivia-se clima de instabilidade econômica e política. Grande parcela da população rural passou a se deslocar para a cidade, na tentativa de conseguir uma vida melhor, fazendo com que muitas dessas escolas multiseriadas fossem fechadas pela falta de alunos, e outras acabaram sendo extintas por questões políticas ou ainda pedagógicas.

Fazer uma leitura da educação recebida em nossa infância pode ser extremamente suspeita, pois envolve sentimentos de nostalgia que, por vezes, abarca grande parte da realidade da época, mas, mesmo assim, pode ser possível construir alguns paralelos fundamentais entre a formação humana a partir das

práticas educativas que cada um viveu.

A escola que tratarei tinha por nome Escola Isolada Municipal Cruz e Souza. Essa unidade escolar estava localizada numa pequena linha de moradores chamada Linha Tavella. Não eram muitas as famílias que residiam nesta linha. Os principais colonizadores do lugar, três irmãos, Antônio, Severino e Ângelo Tavella, cuja linha recebe seus sobrenomes, juntamente com alguns outros moradores, como Olindo Rissatti e Guilherme Bar, criaram um espaço de sociabilidade, principalmente onde religiosamente se encontravam nos sábados e domingos à tarde para jogar baralho e bocha. Percebendo a necessidade de educar filhos e netos, juntaram-se ao poder público para fundar uma escola. Por volta do ano de 1976 fora iniciada a construção. A prefeitura da São Lourenço do Oeste, auxiliada pelos moradores da localidade construiu o prédio que dispunha de uma sala de aula, uma cozinha, um banheiro e uma pequena área frontal. No mês de maio de 1977, uma festa com culto religioso, celebrado pelo ministro da eucaristia, Valentim C. de Macedo, marcou, com uma bênção, a inauguração da pequena escola. Nela lecionavam professores que geralmente se deslocavam da cidade ou de um distrito próximo para desenvolver suas aulas. Os alunos, todos filhos de agricultores, formavam quatro turmas primárias que conviviam juntos na mesma sala de aula, sendo um professor responsável pelo ensino das quatro turmas ao mesmo tempo. Eu passei a frequentar tal escola no ano de 1993, ingressando na primeira série. Na época éramos em torno de 16 alunos nas quatro séries.

A escola podia ser entendida a partir de dois aspectos principais: em nível interno e externo, sendo este último a relação que se dava entre escola e sociedade. Enquanto organização interna, eram realizadas todas as disciplinas que constavam no Projeto Político Pedagógico do município. Aprendia-se o Português, Literatura, Matemática, Ciências, Geografia, História, Artes, Religião, Educação Física e Estudos Sociais. Mas, o que mais era interessante para

os alunos da escola era como essas disciplinas se realizavam no espaço escolar. Em matérias como matemática, português e outras, que exigiam maior empenho na escrita e nos cálculos, os alunos das séries mais avançadas ajudavam os que estavam iniciando a fazer as atividades. Quem acabasse primeiro tinha a obrigação de contribuir para a aprendizagem do colega e ninguém ficava sem fazer nada até que todos terminassem as atividades. O único trabalho que se realizava de forma individual era a avaliação, nos demais se explorava o desenvolvimento grupal. Nas matérias que exigiam maior capacidade de criatividade, como era o caso da disciplina de artes, faziam-se trabalhos externos. Muitas vezes, o tempo era aplicado para enfeitar o jardim da escola, cortar grama, arrumar o pátio, plantar alfaces e hortaliças, bem como outras atividades externas. No entanto, isso não significava o abandono do caderno de desenho e dos materiais, mas não era dado todo o tempo para a sala, atividades fora dela também eram realizadas.

A limpeza e organização da escola ficavam a cargo dos alunos. Geralmente na sexta-feira, próximo ao meio-dia, os alunos guardavam o material 10 minutos antes da saída para varrer a sala de aula, limpar o quadro de giz, esfregar as carteiras com sabão, lustrar o chão e arrumar as classes com a ajuda de um barbante que era esticado para deixar as filas uniformes.

A comunidade se preocupava com a manutenção da estrutura física da pequena escola. Muitas vezes famílias de alunos doavam uma vaca ou um boi para fazer uma festa na pequena comunidade, arrecadando, assim, fundos para a compra de materiais de limpeza, tinta para a escola, comprando materiais esportivos como bolas e redes de voleibol, ou ainda investindo em pequenas construções como o alamedado da horta, que impediu a disputa das alfaces entre alunos e as vacas de um vizinho próximo.

Mas a relação de proximidade entre escola e comunidade não se dava só pelos alunos. As professoras que atuaram durante os meus quatro anos de primário tiveram participação fundamental nesse processo. Muitas delas madrugavam na estrada para che-

gar à escola a tempo de iniciar a aula. Todas as três professoras vinham da sede do município e tinham que fazer três quilômetros a pé, mesmo depois de andar outros 10 de ônibus. Muitas vezes, o café da manhã das professoras acontecia na casa da dona Julieta, uma das desbravadoras do local que residia muito próximo da escola.

As aulas eram no período matutino. No período de inverno, muitos alunos vinham por atalhos no meio das lavouras e chegavam à escola com as calças encharcadas do orvalho. Outros ainda se enchiam de sementes de picão e rabo-de-gato, plantas que grudavam suas sementes nas roupas. Tinha aqueles que davam sorte, seus pais passavam de carroça pela escola pra trabalhar na lavoura de manhã e deixavam seus filhos na porta do colégio. Para esses era um luxo, já que quase não havia carros nas famílias dos alunos e a carroça era o único meio de transporte.

Muitas vezes, a professora não podia estar presente e deixava uma substituta da própria comunidade. Geralmente era a dona Clari, que mesmo pouco instruída conseguia ministrar as aulas e dava conta do recado.

No recreio geralmente a professora deixava uma bola para nós brincarmos no campinho que era também o pátio da escola. Mas essa atividade era realizada somente após o lanche, muitas vezes, preparado por nós mesmos na escola e outras vezes trazidos de casa. Era um momento de grande confraternização, pois os alunos trocavam de merenda. Geralmente eram levadas bergamotas, abacates, bananas, batatas, salame, polenta, pão, queijo, uma garrafinha de café com leite, melado, um litro de caldo de cana, e tudo era dividido, pois uns tinham mais de uma coisa só e por isso trocavam para poder comer algo diferente.

No espaço da escola aprendíamos muito de solidariedade. Havia pessoas extremamente pobres que, às vezes, não tinham roupas ou sequer calçados para ir à escola. Como era o caso da família Gonçalves, que tinha três irmãos na escola. Certa vez me lembro que o Ari, o menorzinho, chegou à escola de pés descalços numa manhã de inverno, enquanto seus irmãos tinham chinelos remen-

dados com pedaços de arame. Ao ver a situação a professora pediu que quem tivesse roupas e calçados para doar era pra levar até a escola no dia seguinte. Todo mundo ajudou. Eu lembro que doei um par de botinas do Chico Bento que meu avô me deu e que não servia mais.

Mas a escola não era só maravilha. Havia muitas encrencas entre os alunos e geralmente elas eram resolvidas nos caminhos de casa. Às vezes, se tramava malandragem só para rir, mas, outras vezes, se tratava de vingança, aí o assunto era tratado a base de paus e pedras. Muito disso nossos pais não ficavam sabendo, nem a professora. Outras vezes era inevitável esconder os hematomas e aí reuniam-se as famílias na escola para fazer as pazes dos filhos. Eu me lembro que uma vez a professora me fez abraçar e beijar um colega que tinha brigado e ele teve que fazer o mesmo comigo. Interessante que dava certo, apesar do sentimento de humilhação que sentíamos em fazer aquilo.

De todas as cenas que marcaram o período escolar, uma delas possivelmente jamais será apagada da minha memória. Foi meu primeiro dia de aula. Eu me arrumei de manhã, coloquei uma mochila de pano que minha mãe fez com uma calça velha do meu avô e esperei no encruzo de casa para que alguém me levasse. Meu pai, percebendo que eu não queria ir ao colégio, cortou uma vara de vime. Ele estava encangando os bois para ir à roça. Eu não sabia se a vara era pra mim ou para tocar os bois, mas preferi não arriscar esperando para saber a resposta. Eu tinha muito medo de ir para a escola. Tinha um quilômetro de mato fechado dos dois lados da estrada. Eu tinha muito medo porque meus vizinhos e mesmo meu avô tinha o costume de contar estória de visagem e fantasmas. Mas, quando vi o pai vindo com a vara de vime, esqueci tudo e, quando me dei conta, estava na escola. Uma semana depois já cruzava o mato sem problema.

Num primeiro momento parecia tudo muito difícil, mas, para a época, nós fazíamos tudo com muita alegria. A escola era o espaço de encontro com os amigos e era o lugar que víamos alguma

coisa de novo e interessante. A escola tinha um armário cheio de livros de historinhas. Nas aulas de leitura nos ficávamos encantados, pois não tínhamos o costume de ver nada tão colorido.

A escola fechou as portas no ano de 1997, ano que foi implementado transporte escolar para todo município e os alunos do interior passaram a estudar em uma escola municipal, outra estadual, situadas na sede do município de Novo Horizonte e outra em uma comunidade próxima chamada Santo Agostinho.

Sobre esses aspectos gerais podemos realizar algumas análises acerca da educação que era realizada na pequena escola Cruz e Souza.

Gostaria de conduzir algumas análises, principalmente no que se refere ao conhecimento científico e a disseminação de valores que a escola realizava. Estávamos longe de ser um centro de excelência em educação, seja ela científica ou não. Mas entendo que apreendíamos tudo o que era necessário para nossa vida e, principalmente, no que se refere a uma vida em sociedade. Desta forma, farei uma análise de forma satírica, mas que carrega uma leitura realista no sentido de mostrar que, por mais que não éramos parte de um grande centro de excelência em educação, nos aproximávamos de um. Isso porque, por mais que deixamos a desejar na dimensão do conhecimento científico formal, aprendemos as artes mais nobres e indispensáveis para quem pretende ser um grande homem ou uma grande mulher.

Desenvolvemos a faculdade das sensações: na maioria das vezes precisávamos dela para suportar jogar futebol descalços e com geadas, suportar boladas e quedas num campo de terra, aguentar a dor dos dedos congelados ao mesmo tempo em que estávamos focados e motivados naquilo que fazíamos.

Tivemos iniciação política: principalmente para decidir quem iria apanhar frutas no pomar da dona Júlia, ou ainda para decidir quem ficaria responsável por guardar a chave da escola e abrir a porta no dia seguinte.

Desenvolvemos a condição física: além de ir a pé para a escola, tínhamos sempre que correr dos veteranos para escapar de suas malandragens, pulávamos varinha, competíamos em várias modalidades ficando, inclusive, campeões da primeira gincana interescolar do município de Novo Horizonte.

Estávamos em constante relação com questões jurídicas: em certas ocasiões éramos sancionados pela professora que dava como castigo capinar a horta, ou então, fazer os desacordados se abraçarem na frente da turma para aprenderem a não mais brigar.

Apreendíamos táticas militares: geralmente para se vingar das sacanagens feitas pelos colegas. Para devolver a traquinagem colocávamos pedras nas mochilas, amarávamos capim nos carreiros e ainda nos escondíamos em meio ao mato para assustar os “inimigos”.

Desenvolvemos a sensibilidade: éramos muito sensíveis aos problemas dos colegas, principalmente com relação à carência dos mais pobres e nas ocasiões que se machucavam no esporte e mesmo no trabalho em casa.

Aguçamos o paladar: geralmente testado pelas refeições que nós mesmos preparávamos para o lanche no recreio da escola.

Desenvolvemos a sensibilidade estética: arrumando o jardim, plantando flores, cortando grama, arrumando a horta e cuidando da limpeza da escola.

Aguçamos nossa sensibilidade espacial: muito exigida pelas professoras que gostavam de manter a escola toda em ordem espacial, desde as carteiras em sala de aula e até mesmo os canteiros da horta, os livros no armário etc.

Estávamos em constante inserção social: dado que os pais viviam na escola ajudando nos trabalhos necessários para a manutenção do ambiente escolar, bem como a escola se fazia presente nas diferentes atividades da comunidade.

Éramos cientistas/engenheiros: na medida em que resolvíamos os problemas da escola, principalmente arrumando uma velha moto-bomba de água que precisava de consertos a cada vez que era ligada, ou ainda, fazendo instalações elétricas, arrumando

o telhado da escola, abrindo valetas para escoamento de água, fazendo alambrado para a horta e construindo traves para o campo.

Pode-se dizer que tivemos uma boa educação escolar, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas, tanto em nível pessoal quanto institucional e social. Mesmo que tendo um conjunto amplo de valores que nos orientávamos, éramos incitados constantemente a uma moral particular que podia ser exercida na maioria das vezes que nos encontrávamos sozinhos pelas estradas. Desta forma, sentíamos-nos senhores de nossas próprias ações, mesmo conscientes das sanções que poderíamos sofrer posteriormente.

Esse processo educativo pode ser analisado segundo algumas teorias referentes à educação, dentre elas a que trata da formação natural do indivíduo, teorizada por Rousseau. Para começar, ocupávamos um lugar que Rousseau aprovaria na sua teoria. Segundo ele, “outro aspecto a ser considerado, para que a educação natural atinja sua meta, é o local onde a criança será educada. Rousseau escolheu o campo para educar Emílio” (CERIZARA. 1990, p. 105). Rousseau teorizou a educação tomando como exemplo um menino imaginário, desenvolvendo sobre ele uma teoria capaz de efetivar com sucesso um modelo de educação adequada a emancipar um indivíduo para viver em sociedade. O lugar do campo, segundo o autor, permite que a criança tenha maior acessibilidade a seus potenciais, dado que há menos pessoas ao seu redor. Segundo ele:

Em compensação, nas cidades mais pequenas há espíritos mais originais, uma industria mais inventiva, coisas mais efetivamente novas são encontradas ali, porque cada qual retira mais de si mesmo e coloca mais de si mesmo em tudo aquilo que faz. (CERIZARA. 1990, p. 106).

Mas não era propriamente o local que auxiliava para termos uma boa educação. Nesse sentido, Rousseau ressalta que:

Os exercícios decorrentes das experiências vividas pelas crianças fortificam o corpo sem embrutecer o espírito, além

de formar a única razão possível nesta idade. Eles nos ensinam a bem conhecer o uso de nossas forças, a relação de nossos corpos com os corpos vizinhos, a utilização dos instrumentos naturais que estão ao nosso alcance e que convém aos nossos órgãos. (CERIZARA. 1990, p. 140).

Em se tratando de experiências, pode-se afirmar que somente aquelas que poderiam ser mesmo prejudiciais à saúde eram proibidas. Fora essas, não tínhamos limites para experimentar, inclusive o que era proibido, como jogar futebol debaixo de chuva, ou pular varinha com geadas, o que segundo Rousseau:

É importante que as crianças se habituem desde cedo ao frio. Quanto mais levemente vestidas, mais a textura de sua pele se adapta ao frio e ao calor; basta que se exponham a ele desde cedo e que não sejam excessivamente agasalhados. Ao contrário do que se pensa, morrem mais crianças no verão do que no inverno, por isso deveríamos torná-las refratárias tanto ao frio quanto ao calor. (CERIZARA. 1990, p. 143).

Quanto ao desenvolvimento intelectual voltado às diferentes atividades, Rousseau afirma que:

Aprender a pensar é uma arte. Para dominá-la é mister que se obtenha o instrumental necessário e que se saiba empregá-la utilmente. O instrumental da inteligência são nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos. Por isso convém exercitá-los. Assim a verdadeira razão do homem não se desenvolve independentemente do corpo; é a boa constituição deste que torna as operações de espírito fáceis e certas. (CERIZARA. 1990, p. 141).

Quanto ao desenvolvimento das relações humanas na pequena escola do interior, do ponto de vista da individualidade que se forma em cada um, Saviani aponta que: “A educação significa tornar o homem mais capaz de conhecer os elementos de sua situação para intervir nela transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração entre os homens” (SAVIANI, 1989, p. 41).

Nesse sentido, estávamos sempre em contato com a realidade

de da comunidade. A escola proporcionava a entre-ajuda dos alunos, chamando para a responsabilidade em auxiliar os socialmente menos favorecidos.

Por mais que podemos utilizar de uma teoria para validar alguns aspectos da educação que tivemos na escola multiseriada, outras análises teóricas poderiam reprovar grande parte da educação desta forma de organização do ensino. No entanto, daqueles que ainda tenho contato que estudaram comigo, grande parte está trabalhando, estudando ou dirigindo algum empreendimento particular. Outros ainda residem na própria localidade e todos tem uma vida modesta, mas com dignidade.

A escola da Linha Tavella, bem como uma série de outras escolinhas multiseriadas, foi fechada, no entanto, permanece o desafio de elaborar nas escolas que existem, formas de educação mais humanas e que consigam inserir de fato o aluno no seu contexto, fazendo com que haja o desenvolvimento humano e social de todos os que estão inseridos no processo educativo.

Nostálgica ou não, a escolinha Cruz e Souza existiu, fez parte da vida de dezenas de crianças que hoje ocupam funções importantes na sociedade e desempenham essas funções da melhor forma possível. Que possamos com esses exemplos olhar para a educação com a possibilidade da diversidade e, para um futuro próximo, consertarmos as lacunas existentes nas pedagogias atuais.

Esses relatos que procuram descrever alguns aspectos referentes à vivência escolar de minha infância, são também fragmentos de recordações e de conceitos que me surgem a partir de acontecimentos do passado, e que emergem em minha memória após certa distância temporal dos acontecimentos vividos.

Sobre essas recordações, as quais chamamos de memória, faremos algumas reflexões sobre o modo como podemos construir tais lembranças e qual a finalidade de tal exercício, que cada vez mais vem sendo explorado, principalmente por historiadores. Para Jacques Le Goff:

A memória, com propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto e funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (LE GOFF, 1992, p. 419).

Segundo Le Goff, a memória não é somente uma lembrança, mas é, sobretudo, uma construção psíquica acerca de fenômenos do passado. Nesta construção são empregados elementos posteriores aos eventos acontecidos. Ao fazer isso os homens constroem junto da memória objetivos e ideologias. Sobre este aspecto, Nunes nos faz uma profunda indagação sobre: o que a sociedade faz com a memória produzida e conservada nos tempos já percorridos? Referente a tal questão podemos tirar algumas conclusões, dentre as quais duas delas são as mais pertinentes: uma delas constata a continuidade da memória, principalmente pela cultura e pelas tradições. Em muitos casos, seja pela falta de registro, seja pelas transformações nos valores culturais e nos cortes da tradição, a memória acaba se perdendo, largada ao esquecimento.

Nos últimos tempos, o fenômeno tecnológico, responsável pela produção e armazenamento de infinitas informações acerca da cultura, do trabalho e das práticas de cada sociedade, facilitou a manutenção de informações ligadas às memórias de inúmeras pessoas através dos registros elaborados principalmente pelo trabalho de historiadores.

Por mais que existam inúmeros registros sobre infinitas pessoas e suas peculiares práticas do passado, a memória é sempre “original” para cada homem ou mulher que, ao longo do tempo constituiu com requintes de peculiaridade suas próprias experiências. Sobre essa questão, Nunes reitera que:

As memórias que temos dos trabalhos aos quais nos dedicamos, de nossas reminiscências da infância, de todas as práticas vividas, enfim, tem uma validade relativa, histórica, já que são construídas socialmente. A sociedade determina em boa medida como devemos desempenhar nossas funções

e com que categorias pensá-las, o que vale tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. (NUNES, 2003, p.11).

Essa afirmação da autora nos coloca na condição de juízes de nossos atos a partir da memória que deles temos. Significa dizer que as experiências são individuais e que elas têm sentidos múltiplos para aqueles que vivenciaram fenômenos sociais e históricos nos quais a memória dos agentes conserva informações e juízos dos atos pretéritos.

Nunes nos indica que outra indagação muito exercitada sobre quais os principais objetivos que nos levam a registrar e conservar a memória? Uma possível explicação para essa questão, segundo elas, foi dada por Philippe Áries. Segundo este historiador, as pessoas, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, passaram a não mais se submeter à morte. Até então, havia uma entrega espontânea para este fenômeno, que começou a sofrer resistência, principalmente pelo abandono do ritual da morte realizado em cultos públicos. Sendo assim, o não mais desejo de se entregar a ela fez com que as pessoas mantivessem sua biografia impedindo, por meio de registros, as perdas e o esquecimento, ao menos parcial do indivíduo (NUNES, 2003, p.11-12).

Segundo Nunes (2003, p.12), James Fentress e Chris Wickham observam que há certa tendência dos historiadores em considerar a memória como documentos localizados na cabeça das pessoas, concebendo a memória como se fosse um modelo textual, equiparável a um objeto. Entretanto, a memória não é objeto, muito pelo contrário, ela é o conjunto de vivências que se configuram em intimidades responsáveis pela formação de nossa subjetividade. Elas são somente nossas, impossíveis de serem usurpadas de nossa integralidade, fazendo o contínuo contato entre nosso passado e nosso presente (NUNES, 2003, p.13).

O movimento que se faz na tentativa de rebuscar as lembranças do passado nos traz alguns problemas. Um deles, Ortiz considera que:

A lembrança diz respeito ao passado, e quando ela é contada, sabemos que a memória se atualiza sempre a partir de um ponto do presente. Os relatos da vida estão sempre contaminados pelas vivências posteriores ao fato relatado, e vem carregado de significados, de uma avaliação que se faz tendo como centro o momento da rememoração. (ORTIZ 1991, p. 78).

Sendo assim, por mais que existam inúmeras teorias acerca da educação, das práticas pedagógicas, das diversas experiências, presentes e passadas ligadas a educação, as considerações acerca da pequena escola Cruz e Souza, a qual mencionei, são, nada mais do que fragmentos de memória que emergiram dos meus esforços de reconstituição das lembranças ligadas ao tempo que estudei no primário. Ao fazer isso procurei destacar elementos que considero importantes para a educação das crianças, dado que o enclausuramento de muitos dos modelos atuais de escola, não permitem que as crianças desenvolvam suas habilidades junto à natureza, deixando também de partilhar problemas comunitários e das suas resoluções. O que busquei mostrar com essas lembranças são possibilidades que num passado não muito distante deram certo, ou pelo menos mostraram perspectivas que tornem os seres humanos mais envolvidos com o próprio processo de aprendizagem e com a sociedade que os circunda.

Notas

* Graduado em Filosofia e graduando em História pela UNOCHAPECÓ. Pós-Graduando em Filosofia e Psicanálise pela mesma universidade e Mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Referências

- CERIZARA, Beatriz. **Rousseau e a educação na infância**. São Paulo: Scipione, 1990. (Série Pensamento e ação, o magistério).
- SAVIANI, Dermalva. **Educação**: do senso comum a consciência filosófica. São Paulo: Cortez Editora; Editores Associados, 1989.
- NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. In: LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Maria Araujo Lima (Org.). **História e Memória da Escola Nova**. São Paulo: Loyola, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: FUCAMP - Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP, 1992.
- ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

Abstract

There are infinite discussions about the pedagogic practice and the different ways to construct education. One of them, known how teaching on multi grades school, since much time has been applied, and that was not been applied , and that was not been used to the children apprenticeship improvement, mainly on agricultural areas. By memories reports, we can access some elements of this school model practice, such as situations wher happened this teach system.

Keywords: Education. Memory. Pedagogic practice. Society. Experience.